A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS

PRIVATE

REVISTA MENSAL
ANO XII - Nº 124

R$ 3,30

QUEM SERIA CAPAZ DE IMAGINAR TANTO EROTISMO EM UMA GUERREIRA NINJA? COMPROVE, NOS ENSAIOS DESTA EDIÇÃO, A DUPLA FACE DESSA GAROTA MISTERIOSA, UM MISTO DE PRAZER E PERIGO

CURTA AS DELICIOSAS E LOUCAS HISTÓRIAS DE AMOR, PAIXÃO, SEXO E PRAZER, ENVOLVENDO MUITOS DOS NOSSOS LEITORES

POR FALTA DE PROPOSTA NINGUÉM DEIXARÁ DE TRANSAR. SÃO CENTENAS DE ANÚNCIOS PARA O LEITOR ESCOLHER. CERTAMENTE, ALGUNS SE ENCAIXARÃO DIREITINHO NAS SUAS PRETENSÕES

PROIBIDA A MENORES DE 18 ANOS

A MAIS COMPLETA REVISTA MASCULINA DO PAÍS

PRIVATE

MISSY

4, 35 e 40 GAROTAS
Neste mês das noivas, imagine-se, leitor, fazendo uma gostosa lua-de-mel com qualquer uma das modelos dos ensaios publicados

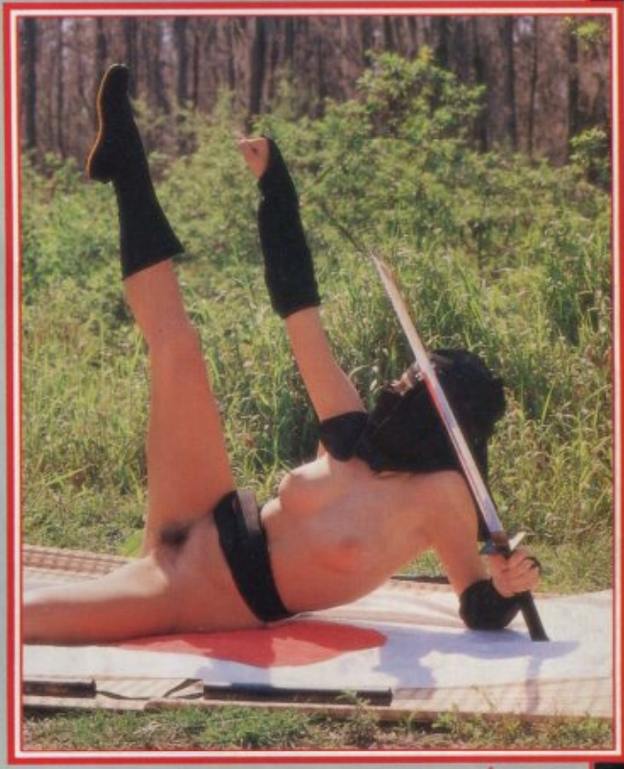
8 DIÁRIO SEXUAL
Uma transa melhor que a outra, nas histórias narradas pelos leitores

19 TRIBUNA DO LEITOR
Este é o seu parlatório. Saiba usá-lo e faça bom proveito: critique, dê sugestões...

25 CORREIO CONFIDENCIAL
Seja de que tipo for a transa que você deseja, certamente encontrará, aqui, a proposta que procura

45 LEITORES EM CLOSE
As fotos que ilustram os anúncios são detalhes muito importantes para a escolha de quem se espera

1995 - MAIO
REVISTA MENSAL
ANO XII - Nº 124

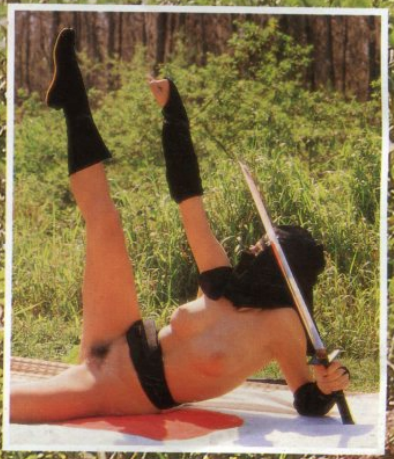


ÉRIKA

CRISTIAN E BETHÂNIA

ÉRIKA

SERÁ QUE O LEITOR SERIA CAPAZ DE ACEITAR O DESAFIO? UMA MULHER AGRESSIVA OU UMA GUERREIRA DO AMOR? SE TIVER CORAGEM, ESTA NINJA ESTÁ À SUA ESPERA, COM GOLPES ERÓTICOS QUE TANTO LHE PODERÃO DAR PRAZER COMO ACABAR COM A SUA VIRILIDADE



DIÁRIO SEXUAL

O ESPAÇO DA TRANSA INESQUECÍVEL

UM MARIDO ATENCIOSO

Meu amigo Daniel tem-me confidenciado, de modo bastante claro, como sua mulher adora transar. "Meu problema", ele diz, "é que Alice tem-me persuadido a fazer um ménage à trois, com mais um homem". Daniel continuou falando que não gostaria que um estranho fizesse isso com sua mulher e chegara à conclusão de que eu seria uma pessoa com quem eles se sentiriam bastante confortáveis para satisfazer suas fantasias. Não é preciso dizer que fiquei chocado, embora bastante excitado. Pensei que poderia ser muito interessante e, com certeza, não me faria mal algum. Respondi a Daniel que ficaria muito feliz em me juntar a eles.

Dando continuidade ao seu plano, convidou-me para que fosse à sua casa naquela mesma noite. Precisamente às 20 horas, com um bom vinho que levei especialmente para a ocasião, fui recebido pelo casal. Alice era uma mulher muito atraente, independentemente de seu ar de professora rigorosa, com cabelos presos e óculos de armação escura. As apresentações foram feitas e, em seguida, a mulher desculpou-se, pois um compromisso inesperado fez com que tivesse acabado de chegar em casa e, portanto, desejava refrescar-se e trocar de roupa.

— O que você achou? — perguntou Daniel. — Fantástica! — respondi.

— Estou muito ansioso pelo que poderá ocorrer — concluiu.

Quando Alice voltou, pensei que era outra mulher: havia soltado os maravilhosos cabelos castanhos, que alcançavam o meio das costas. Também retirara os óculos e pude deparar-me com lindos olhos verdes. Estava, agora, vestida com um penhoar transparente que não deixava nada para se imaginar. Sob o tecido, vestia uma calcinha preta também transparente. Seus seios estavam cobertos por um sutiã igualmente preto que mal escondia seus mamilos. Daniel tinha razão: sua esposa era uma mulher muito sexy.

Não demorou muito para que Alice estivesse nua sobre a cama. Daniel e eu também tiramos nossas roupas. Logo, o marido estava ajoelhado entre as pernas da mulher, bastante ocupado lambendo e chupando sua xoxota.

Quando me aproximei da sua cabeça, ela, ansiosamente, começou a me masturbar e chupar meu cacete, que estava duro e grande como nunca.

Enquanto Alice trabalhava em meu pau, comecei a apertar e torcer delicadamente seus mamilos, ao mesmo tempo que observava meu amigo lambendo seu botãozinho do prazer. Deixei Daniel dirigir o show e não demorou muito para que se posicionasse e começasse a foder sua deliciosa esposa. Quando a penetrou, ela aumentou a velocidade com que me chupava. Estava ficando difícil conter meu orgasmo. Daniel dava muito prazer à mulher, a qual, eu sentia, estava pronta para o seu primeiro gozo. Eu estava certo, e era muito excitante observá-la forçando a pélvis de encontro ao corpo do marido, de forma a provocar uma penetração mais profunda. Podia ver que Daniel também estava próximo a uma explosão, mas repentinamente ele diminuiu a velocidade e tirou o pau inchado de dentro daquela linda bocetinha.

— Quero guardar para mais tarde — explicou. — Por que vocês dois não se divertem um pouco, enquanto preparo um drinque e fico só apreciando?

Rapidamente, tomei o lugar do meu amigo. Sua mulher me sorriu convidativamente à medida que me posicionava para penetrá-la. Tenho que dizer que, embora Daniel tivesse um pau de tamanho respeitável, o meu era mais grosso. Olhando para a bem fodida bocetinha de Alice, pude ver que sua paixão havia resultado em uma abertura muito bem lubrificada.

Mesmo com seus sucos do amor virtualmente escorrendo para fora do corpo, Alice não deixou de gemer quando a penetrei. Abraçou-me com as pernas em minhas costas e movimentamo-nos em perfeita harmonia. Sabia que deveria controlar-me ou perderia minha seiva antes do momento desejado. Ela não tinha esse tipo de inibição. Acelerou os movimentos até que senti os músculos da xoxota apertando-me o pau. Repentinamente, a mulher contraiu-se e, soltando um gemido, alcançou um intenso e convulsivo orgasmo.

De alguma maneira me contive. Talvez porque estava observando Daniel pelo canto dos olhos e pude vê-lo em pé, pró-

ximo a nós, sorrindo-me de maneira encorajadora. Então,

deu-me uma piscada de olhos e falou:

— Muito bem, vocês dois aí, vamos fazer um delicioso sanduíche!

A idéia quase me fez gozar. Alice, imediatamente, disse que para ela estava tudo bem. Daniel arrumou o cenário. Eu fiquei deitado de costas e a mulher do meu amigo por cima de mim, com sua deliciosa bundinha suspensa convidativamente. O marido se posicionou atrás da esposa, com um gel lubrificante.

— Deixe-me penetrar o cuzinho dela primeiro. Pode ficar muito apertado para mim se você introduzir antes seu pau grosso na boceta! — justificou.

Alice me olhava diretamente nos olhos, enquanto Daniel preparava seu buraquinho rosado com o creme. Ela lambia os lábios à medida que ele iniciava a penetração. Pude perceber quando meu amigo rompeu a resistência do esfíncter, pela maneira como a mulher, repentinamente, arregalou os olhos, relaxando em seguida e os mantendo semifechados.

— Você a penetra agora, mas vai com jeito, pois está meio justo aqui atrás! — ordenou Daniel.

Ao começar a introduzir o cacete lentamente na boceta, podia sentir a presença do outro pau na passagem anal de Alice. Já estava quase totalmente dentro, quando ela passou a mover-se mais intensamente e, gemendo de prazer, subitamente começou a murmurar:

— Sim, sim, oh, sim! É tão bom! Está feliz, meu corninho? Está sentindo gostoso?

Não levou muito tempo para que Alice atingisse um novo platô orgástico e, quando gozou, Daniel e eu também explodimos.

Permanecemos unidos ainda por alguns momentos. No momento que nos separamos, nosso sêmen escorria de ambas as aberturas de Alice. Quando ela foi ao banheiro, preparei três drinques para nós. Pouco depois, fui embora, pensando na inesquecível experiência vivida. Certamente, um dos mais excitantes acontecimentos sexuais que já tive.

Espero que os eventuais novos contatos sejam tão repletos de carinho, prazer e satisfação para todos como foi este para conosco.

Ari, Caixa Postal 20.820, São Paulo, SP, CEP 01452-990.

FODA NO C.P.D.

O que passo a contar aconteceu dois anos atrás, quando eu era gerente-executivo de informática de uma determinada empresa. Sílvia trabalhava no departamento de compras. Era um tesão: 25 anos, morena-clara, tipo mignon, cabelos castanhos e longos, olhos verdes, seios pequenos e durinhos. Ela me dava a maior bola e eu sempre fui louco para comê-la. Mas, como diz o ditado, "onde se ganha o pão não se come a carne". Além disso, minha posição na empresa me impedia de qualquer envolvimento maior com os funcionários.

Um belo domingo ensolarado, por volta das 10 horas, fui até a empresa ver um processamento que havia sido iniciado no sábado e ainda não tinha acabado. Passei antes em uma banca, comprei a Private e um jornal, para me distrair enquanto aguardava o processamento terminar.

Ao chegar ao C.P.D., o operador que trabalhara de madrugada e estava de saída informou-me que seu substituto havia telefonado avisando que, devido a um problema no carro, chegaria alguns minutos mais tarde. E perguntou se eu poderia aguardá-lo. Respondi que tudo bem e entrei na sala dos computadores para ler minha revista predileta. Meia hora depois, batem à porta e, para minha surpresa, não era o operador, mas sim a Sílvia.

Ao perguntar-lhe o que fazia na empresa, em pleno domingo, respondeu que viera buscar alguns documentos que esquecera em sua sala. Fiquei meio sem graça, pois estava lendo a Private, mas nem deu tempo para disfarçar. Sílvia estava linda; usava uma microssaia que deixava à mostra seu belo par de coxas revestido por meias finas. Tão logo entrou na sala, devido à temperatura de 18 graus, os biquinhos dos seus seios intumesceram. Dava até para perceber a aréola rósea em torno deles através da transparência da blusa de seda branca, pois estava sem sutiã.

Sentando-se ao meu lado, Sílvia disse que não queria atrapalhar, apenas gostaria de ler junto comigo o relato que eu lia no "Diário Sexual". Podia sentir seu perfume. O calor que emanava do seu corpo já estava-me deixando louco de tesão. O agasalho de moleton que eu usava não me permitia disfarçar o volume do meu mastro, duro como pedra. Sílvia pousou sua delicada mãozinha em minha coxa, foi subindo lentamente até que segurou meu pau por cima da calça. Deixei a revista de lado e começamos a nos beijar. Cada beijo era um cometa que percorria o céu da boca. Eu nem acreditava que aquilo estava acontecendo.

Sílvia abaixou minha calça e meu membro pulou fora da cueca. Então, começou a sugá-lo com maestria, fazendo lento movimento de vaivém, ora engolindo, ora lambendo da cabeça até o saco. Quando eu estava quase gozando, pedi que sentasse na mesa, tirei o teclado do micro para o lado, desabotoei lentamente sua blusa e comecei a mordiscar alternadamente seus mamilos, enquanto enfiava a mão por baixo da sua saia e ia ao encontro da sua delicada bocetinha, que já estava totalmente molhada.

Os gritos de Sílvia misturavam-se com os ruídos do ar condicionado e das impressoras que emitiam relatórios. Fiquei de joelho, tirei-lhe a saia, a tanguinha e as meias, e comecei a chupar seu grelinho, ao mesmo tempo que enfiava o dedo na

CONFISSÕES DE UM LIBERAL

Ao rever minha vida, sinto-me realizado e completo no terreno sexual. Apesar dos fatos aqui relatados, sou tímido, muito discreto e mantenho uma vida erótica dentro dos padrões médios. Tenho 38 anos, sou advogado, alto, bem apessoado e muito tranqüilo.

Tudo começou no interior de São Paulo. Morava numa cidade de porte médio e tinha família espalhada pela região. Na fazenda de um tio, conheci, junto com um garoto de 13 anos, as delícias de enrabar uma galinha. Tinha, então, 11 anos e era minha entrada no mundo sexual. O garoto, bem mais experiente, ensinou-me a transar também com as cabritas. Foram fodas deliciosas, se bem que ingênuas comparadas com as posteriores.

Quando estava com 12 anos, resolvi transar com uma novilha, dentro do curral. Preparei a bichinha, acariciei a bocetinha carnuda e mandei ver. O idílio secreto durou dez dias. Todas as tardes, eu ia no curral comer a novilha. Até que fui surpreendido, em plena foda, pelo seu Manoel, o capataz, que me deu um esculacho e disse que não queria aquele tipo de brincadeira ali. À noite, ele me chamou para conversar e me passou um sermão. Notei, porém, que suas palavras e seus modos denotavam tesão, ao invés de reprimenda, pois alisava constantemente o cacete. Curioso, passei a seguir Manoel, que era solteiro e morava numa casinha meio distante da casa principal.

Uns três dias depois, eu vi, por uma fresta da janela da sua casa, o Manoel comendo a Marlene, mulher de um empregado. Não apenas os dois fodiam, como eram auxiliados por Nero, um pastor-alemão. O cão comia Marlene, que chupava o cacetão do capataz. Depois ele metia nela, junto com a porra do cachorro. Fiquei eletrizado e taradinho.

No dia seguinte, passei a dar em cima de Nero, e ganhei uma lambida no pau. O cão era supertreinado e tinha uma língua deliciosa, lambendo-me todo o pênis e o saco. Eu gozava até três vezes por dia. Numa tarde, surpreendi seu Manoel peladão e sozinho na cama, sendo lambido pelo Nero. Ver aquela cena me deu um puta tesão. Voltei alguns passos e chamei por ele, como quem estivesse chegando naquele momento. Pouco depois, ele abriu a porta, vestindo apenas um calção. Meio perturbado, convidou-me a entrar e começamos a conversar. Nero, porém, estava com o pau todo para fora e o lambia ostensivamente.

Era impossível não se perceber a cena. Seu Manoel tentou disfarçar, mas o cão voltou a cheirá-lo no púbis, mesmo sendo várias vezes afastado. Finalmente, depois de várias tentativas, quando nossa conversa girava sobre sexo com animais, seu Manoel deixou Nero continuar a lambê-lo mesmo sobre o calção. Seu pau foi endurecendo e ele me perguntou se eu gostaria de ver o cão lambê-lo. Disse que sim, pois estava superexcitado e pensando na possibilidade de também ganhar a minha lambidinha.

Seu Manoel despiu-se, deitou-se na cama, e a cena interrompida continuou. Só que agora eu também estava nu e deitado ao lado dele e do cão. Meu olhos não desgrudavam da cena, vendo aquele cacetão brilhando de saliva animal. O capataz deitou-se meio de lado, encostando seu membro no meu. Assim, Nero lambia nós dois ao mesmo tempo. Dali para lambidas pelo resto do corpo foi questão de segundos.

De quatro na cama, o cão me lambia inteirinho, especialmente nas coxas e no cuzinho. Seu Manoel postou-se atrás de mim e passava seu enorme cacete na minha bunda, entre as pernas. Eu sentia a língua de Nero, a caceta do capataz e suas mãos me acariciando. Ele masturbava-se e, pouco depois, esporrou sobre minhas nádegas. Com um dedo melado, acariciava meu culeirinho.

Essas brincadeiras se repetiram mais algumas vezes, sem penetração. Um dia tomamos banho juntos e ensaboeei várias vezes o cacete superduro do capataz, fazendo-o gozar com minhas mãos. Foi ele quem me ensinou o que era uma boceta e como foder com uma mulher, pois participei de uma trepada dele com a Marlene. Ela me chupava o pau, Manoel a comia por trás e Nero ajudava de vez em quando.

Aos 14 anos voltei à fazenda, para outra temporada. Nero havia morrido e a Marlene se mudado. Manoel continuava por lá, ciscando uma ou outra mulher disponível. Foi numa noite, dormindo com ele, que fui comido pela primeira vez. Manoel adorou meu cuzinho apertado e me fodia três a quatro vezes por noite. Eu adorava chupar sua caceta, lambendo a porra com gula. Foi nessa ocasião que conheci Dolores, uma mulata assanhada que morava por perto. Fizemos vários ménages, ela dando para mim e Manoel ao mesmo tempo. A sacana tinha uma fome de pica incrível e muitas vezes nós dois esporrávamos em sua boca juntos. A minha transa com o capataz, entretanto, era secreta e repetíamos de vez em quando.

Depois dos 15 anos, comecei a transar na cidade. Sempre acabava sobrando um putinha de fim de baile disposta a satisfazer a rapaziada. Com uma turma de três ou quatro amigos, fizemos várias orgias, entre nós ou incluindo duas ou três mulheres. Era porra para todo lado e tesão para mais de metro. Eu me sentia bem nos dois papéis, dando e comendo. Nessa épo-

ca, gostava de chupar o Antônio Carlos, que possuía um pau cavalar e gozava com abundância na minha boca. O puto adorava e, durante um certo período, eu o chupava até duas vezes ao dia, sempre muito tesudos.

Aos 18 anos, fui para o Tiro de Guerra. Nesse período, as transas eram exclusivamente hétero, incluindo desde as putas da zona de uma cidade próxima até as debutantes da sociedade. Amarrei-me particularmente em Sheila, uma garota supersafada que adorava dar o cu, onde eu metia sem dó.

Aos 20 anos, vim para a Capital, para estudar. Fui morar numa república, junto com mais quatro caras. Quase todo final de semana havia suruba geral. Convidávamos algumas garotas e o pau comia solto. Numa festa que demos, fizemos um concurso: a mais bela boneca. Eram rapazes vestidos de mulher, ajudados pelas garotas. Fiquei finalista, de vestido, peruca e saltos altos. Mas venci a prova no desfile com lingerie. De calcinha e sutiã sobre meu corpo bem delineado e gostoso, deixei a galera em ponto de bala. O clima sexual do evento acabou degenerando numa tremenda trepação por todos os cantos da casa. Até na cozinha e no banheiro da empregada tinha nego trepando ou assistindo.

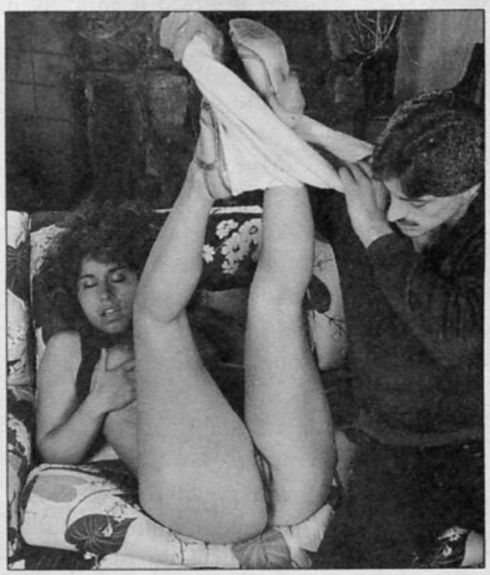
Foi nessa noite que Romeu, um dos companheiros de república, acabou se abrindo e me confessando seu tesão recolhido por mim. Só viemos a trepar gostoso, entretanto, uma semana depois, pois tanto ele quanto eu tivemos dificuldade na hora do vamos ver. Foi meu primeiro amor de verdade. Fazíamos troca-trocas fenomenais. Nosso relacionamento durou dois anos e meio, até o fim da faculdade. Nessa época, envolvi-me com Priscila, com quem morei junto por cinco anos, o meu primeiro "casamento". Já formado e começando a vida profissional, a relação com ela foi estável e de um erotismo puro, quase angelical: trepávamos como dois adolescentes descobrindo o sexo e os mistérios do amor.

Hoje moro só, por opção. Sinto-me sexualmente feliz e realizado, após ter passado por quase todas as experiências possíveis. Até uma sessão sadomasoquista faz parte do meu currículo, quando uma rainha loira e extremamente tesuda usou e abusou de mim o quanto quis. Só não transo travesti, porque decididamente não tenho a menor atração. Mas sinto-me disponível para o que pintar, em função do meu perfil liberal, mais interessado em dar prazer, seja para uma mulher seja para um homem, do que me satisfazer egoisticamente. Aprendi que o sexo é para ser dividido, senão não passa de troca de óleo.

No momento, e já há quatro anos, estou ligado a Roberto e Lúcia, um casal casado. Eles se amam muito e mantemos uma relação de intensa cumplicidade e camaradagem recíproca. Ou trepamos os três juntos ou em duplas. Para mim é ótimo, pois dou vazão a todos os meus instintos, proporciono e recebo prazer, carinho e compreensão. Lúcia é especialíssima: loira, olhos verdes, bundinha carnuda e uma xota depilada que adoro chupar e comer. Ela se entrega a mim com volúpia e tesão, mesmo com o marido ao lado. Roberto é supergostoso, carinhoso e possui um cacete maravilhoso que adoro chupar ou receber na minha bundinha sempre receptiva aos seus carinhos.

Afastei da minha vida a hiprocrisia, os falsos valores e a estrita divisão de papéis sexuais, certo de que eles não passam de mera convenção social e não satisfazem os mais profundos desejos da espécie humana. Apesar de tudo o que leu, não pense o leitor que sou promíscuo, de baixarias ou deselegante. Ao contrário, prezo sobretudo o sigilo, a discrição e o cultivo do prazer com o máximo de segurança. Tente, você, também. Quem sabe não descobre que a felicidade, mais do que coisas materiais, está naquele suspiro de tesão que muitas vezes sufocamos dentro de nós com medo do que os outros poderão pensar?!

A.S.F., São Paulo, SP.



PRAZER EM CONHECÊ-LOS

Parece que foi ontem. Tudo o que aconteceu nunca mais saiu da minha memória. Já faz quatro anos, mas ainda lembro com saudade dos prazeres que tivemos juntos. Passarei a contar como tudo se passou e como pude fazer algumas coisas, antes apenas imaginadas por mim (e quem sabe por quantas outras pessoas?).

A história tem início numa certa tarde em que fui a um shopping center, em São Paulo, fazer compras. Subindo por uma escada rolante pude ver, ao olhar para cima, as belas pernas de uma linda mulher. O homem que a acompanhava (vim a saber depois) era seu marido. Era alta, uns 35 anos, morena, cabelos até a altura dos ombros, usava um vestido bem acima dos joelhos e bastante rodado. Ao olhar para trás e perceber que a observava, ela, maliciosamente, inclinou-se um pouco para a frente e pude, então, ver suas coxas e parte da bunda. Foi tudo muito rápido, mas a generosa visão que me oferecera deixou-me excitado e com o caralho intumescido, a ponto de ser obrigado a disfarçar, colocando o leva-tudo à frente da calça. O casal cochichou qualquer coisa e ambos riram. Tenho a impressão de que meu rosto ficou vermelho, pois senti um calor muito grande nas faces.

Ao final da escada, segui o meu caminho, não sem antes notar que aquela linda mulher me olhava e, mais uma vez, falava algo com seu companheiro, tudo levando a crer que era a meu respeito. Saí devagar, olhando uma ou outra vitrina, até que, andando mais um pouco, pude vê-los sentados em um banco bem em frente ao meu caminho. A mulher estava com as pernas cruzadas. Olhei e ela descruzou e tornou a cruzar, oferecendo-me, mais uma vez, uma visão fantástica de tudo. Deu-me a impressão, até, de que estava sem calcinha. Quando sorriu para mim, eu, que já havia praticamente esquecido do que havia ocorrido na escada rolante, reavivei a memória e comecei a passar por várias vezes em frente ao banco em que estavam sentados. E, a cada vez, uma nova visão daquele corpo sedutor.

De repente, o casal levantou do banco e o homem me fez um sinal para seguilos. Fui atrás, a uma certa distância, e, em um novo lance de escadas rolantes, vi que a mulher se abaixava, com a intenção única de exibir-me sua bunda. Eu já não conseguia mais disfarçar a ereção. Ao chegar ao patamar de cima, eles pararam e eu, ao passar, notei o olhar dos dois para o grande volume que se formara por baixo da minha calça. Daí, dirigiram-se a uma lanchonete, onde sentaram um ao lado do outro. Sentei a uma mesa em frente à deles, percebendo, pelos sorrisos, a satisfação de ambos por eu tê-los acompanhado. O local estava quase vazio e, de uma posição privilegiada, podia observar todos os lances, sem nenhum constrangimento.

Pedi um chope a continuei a apreciar aquelas coxas que estavam deixando-me louco de tesão. Agora, ele passava a mão nas coxas dela, levantando a saia até a boceta, emoldurada por lindos cabelos negros. Por sua vez, ela passava a mão em seu caralho, por cima da calça, e os dois suspiravam de prazer. Quando a mulher se levantou e se dirigiu ao banheiro, o homem me fez um sinal convidando a sentar-me com eles. Aceitei e passamos a conversar. Ela retornou, fomos apresentados, e o papo, antes banalidades, passou a ser sobre sexo. Perguntaram-me o que eu achava de toda aquela exibição. Disse-lhes que Marta era maravilhosa e tudo o que estava acontecendo tinha-me deixado com muito, mas com muito tesão. Júlio me disse que também estavam bastante excitados e gostariam de ir a um lugar mais tranqüilo. E convidaram-me para ir ao seu apartamento, perto dali. Sem pensar em conseqüências, aceitei de imediato. Pagamos as contas e saímos.

No carro, sentei-me à frente, com Júlio, enquanto Marta ficou sozinha no banco de trás. Quando chegamos à Marginal Pinheiros, olhei para trás e vi a mulher com o vestido levantado até a cintura e as pernas bem abertas, deixando-me com a visão extraordinária da sua boceta piscando para mim. Júlio havia tirado para fora seu cacete de aproximadamente 18x4cm e, com ele em riste, apontando para cima, dirigia o carro calmamente. Quando Marta me pediu que tirasse a calça, não me fiz de rogado, deixando aliviado o meu caralho de 20x13cm, que até então se encontrava preso e espremido. Nesse momento, estranhei o que sucedeu, pois Marta, pegando sua bolsa, tirou dali uma calcinha e vestiu. Não perguntei o porquê daquilo, mas vi que estávamos entrando na garagem de um edifício de apartamentos. Pretendi vestir a calça, mas Júlio disse que não me preocupasse com aquilo.

Quando entramos na garagem do prédio, Marta tirou o vestido e pude ver todo o seu corpo, coberto apenas por uma minúscula tanguinha; seus lindos seios duros e firmes, com aréolas rosadas e bicos que saltavam para fora. Júlio parou o carro próximo ao elevador, desceu e apertou o botão, para chamá-lo. Quando o elevador chegou, ele nos fez sinal, chamando-nos. Marta foi completamente pelada. Fiz o mesmo, levando a calça e a cueca na mão. A cena daquela mulher nua, eu nu e Júlio com o pau para fora estava me tirando todo o raciocínio. Quando o elevador começou a subir, Marta ajoelhou-se e abocanhou meu pau. Foi uma gostosa chupada até o décimo-segundo andar. Júlio tomou minha mão e me fez pegar em seu pinto, o que fiz sem pensar muito em nada.

O elevador deixou-nos dentro do apartamento. Marta arrastava-me com a boca, puxando-me pelo cacete. Caímos os três no carpete da sala. Aconteceu de tudo naquela tarde. Chupei a boceta de Marta, fazendo-a gozar loucamente. Tive meu pinto engolido por Júlio, que chupava com maestria. Chupei-o também. Meu pau penetrou a boceta de Marta com o carinho que ela merecia, enquanto seu marido, por baixo de nós, lambia o meu saco e às vezes enfiava a língua na bocetinha da mulher, junto com meu membro. Fizemos, também, um sanduíche com Marta. Enquanto eu metia no seu cuzinho, Júlio penetrava em sua boceta. Foi aí que gozamos os três. Nosso corpos suados receberam, então, o merecido descanso. Ainda fodemos mais algumas vezes, naquela tarde.

Hoje, Marta e Júlio moram nos Estados Unidos, mas ainda tivemos a oportunidade de foder outras vezes e bolar situações que nos deixaram completamente extasiados. Não sei se voltarei a vê-los, mas quando este relato sair publicado lhes mandarei um exemplar da revista, como lembrança daquela primeira vez.

Se houver um casal que queira ter situações semelhantes e bolar coisas que nos tragam o máximo de tesão, escrevam-me. Fotos serão devolvidas e retribuídas de imediato. Fone abreviará o contato. Sou branco, casado (não há participação de minha mulher), 47 anos, profissional liberal.

L. Flávio, Caixa Postal 21.279, São Paulo, SP, CEP 04698-970.

O COPO D'ÁGUA

Gatão de praia na "idade do lobo" (quarentão), excelente aparência, alegre, experiente, moreno-bronzeado, cabelos castanho-grisalhos, 1,75m, 75kg etc. etc... Foi depois desse anúncio que, surpreendentemente, surgiu uma quantidade enorme de cartas em minha caixa postal, a grande maioria de casais interessados em ménage. Alguns por pura curiosidade, outros realmente querendo chegar às vias de fato. E é sobre um desses casais que se refere a história que passo a relatar.

Extremamente seletivo e exigente, esse foi um dos casais que mais me interessaram. Marcamos encontro para um barzinho, aqui na Barra, no período da tarde de um dia comum durante a semana. Já havíamos conversado bastante por telefone e deu para perceber que se tratava de gente boa. Só não imaginava a gata que ela era! Quando a vi, fiquei realmente surpreso: uma morena de parar o trânsito, 1,70m aproximado, cabelos negros e compridos, um corpo proporcional, tipo falsa magra. O papo transcorreu de uma forma extremamente agradável e, apesar de termos combinado que aquele encontro seria apenas para um prévio conhecimento, não foi isso que aconteceu. A identificação entre nós três foi tão grande, eram pessoas de um nível tão bom, que, naquele mesmo dia, resolvemos ir a um local onde pudéssemos entrar nas intimidades.

Ao chegarmos a um motel, nas proximidades, ainda custamos um pouco a dar a partida. O papo era realmente muito agradável e ficamos conversando por algum tempo, até que Mariana passou a acariciar meu corpo ainda vestido. Na beirada da cama, já estávamos no maior esfrega, com beijos molhados e safados; tirávamos nossas roupas como se tivéssemos toda a pressa do mundo. Em questão de minutos, estávamos os dois completamente nus. Parei um pouco para olhar para aquele monumento de mulher: era absolutamente perfeita, dos pés à cabeça, linda de rosto e corpo.

Entre beijos e abraços, minha vara superdura roçava suas coxas e, vez por outra, sentia o carinho de suas mãos na minha pica. Olhei para o Carlos e o vi completamente nu, sentado em uma poltrona, a masturbar-se lentamente. Dava para perceber que sentia um imenso prazer com a cena que via. E era esse nosso intuito principal: o prazer. Mas rapidamente me esqueci do marido e voltei minhas atenções totais para Mariana. Rodei o corpo e passei a chupar sua boceta saborosa. Ela, por sua vez, não se fazia de tímida e também chupava voluptuosamente minha vara.

Era uma delícia sua boca quentinha no meu membro e, ao mesmo tempo, sentir o gosto maravilhoso daquela xoxota em minha boca. Eu lambia, beijava, sugava e bebia o farto néctar que escorria da sua boceta cheirosa. Não demorou nem um pouco para que Mariana logo estivesse acelerando os movimentos de quadris, soltando frases desconexas e segurando firme no meu pau, que não largava em hipótese alguma. Seus gemidos se transformaram em gritos e, livremente, gozou na minha boca, enquanto eu sorvia todo o suco que fluía de dentro dela.

"Quero pica!", foi a frase que disse logo a seguir. Virei-me e passei a enterrar-lhe a vara em um delicioso papai-e-mamãe. Era uma delícia sentir sua boceta superquente engolindo minha vara, ao mesmo tempo que a mordia e a sugava de forma impressionante. Dei mais uma olhada rápida para Carlos e vi sua expressão absolutamente extasiada de prazer. Era isso que queríamos, prazer para os três, era essa a nossa proposta principal. Não importa a forma com que cada um o obtém, o importante é tirarmos o máximo prazer de cada momento de nossas vidas.

Eu acelerava meus movimentos, disposto a fazer aquela gata gozar profundamente. Já dava para perceber que não seria nada difícil, pois Mariana era um verdadeiro vulcão, embora em público se comportasse como uma verdadeira dama. Passei a enfiar a vara mais fundo no seu corpo, tocando-lhe já com uma certa brutalidade o útero. Cutucava-o sem pena, e mais e mais ela implorava. Arreganhava as pernas de tal forma, que pude perceber a aproximação do marido, à procura de um melhor ângulo para assistir àquela cena maravilhosa: um outro homem enterrando o pau na boceta da sua linda mulherzinha.

Com força e movimentos acelerados, eu ia e vinha impiedosamente dentro da xoxota. Mariana passou a gritar, a se debater como uma cadela no cio, a jogar os quadris de encontro ao meu caralho, acabando em um gozo barulhento e longo. Da minha parte, eu havia-me poupado. Aquilo estava bom demais para termos de parar para descansar justamente naquele momento. Com Mariana ainda ofegante, coloquei-a de quatro e passei a enterrar-lhe a vara violentamente na vulva. Já tinha dado para perceber que era de uma forma um tanto quanto bruta que ela gostava de ser fodida. Agarrei seus quadris com força e puxei-a de encontro ao caralho, ao mesmo tempo que eu também jogava meus quadris contra sua bunda, deixando que minhas bolas batessem no seu grelinho. Apertava-a com minhas mãos, e ela adorava cada vez mais.

Carlos estava sentado na beira da cama, sempre a masturbar-se lentamente, como que a prolongar o próprio gozo. Para melhorar a visão que estava tendo da cena, dobrei uma das pernas, erguendo o joelho e pisando com um dos pés na cama. Assim poderia ver com detalhes minha pica

Continua na pág. 76

NA BARBEARIA DA SACANAGEM, TUDO PODE ACONTECER, DEPOIS QUE AS PORTAS SÃO FECHADAS, NO FINAL DO EXPEDIENTE. UMA DELAS É O BARBEIRO, SEDENTO DE SEXO, LEVAR A INSACIÁVEL MANICURE AO LIMIAR DO TESÃO

A GAROTA DA CAPA

MISSY

Como se fosse a única criatura viva do universo, a astronauta despe-se no bucólico cenário lunar, sonhando que, dali a pouco, um homenzinho verde, que de grande só tem o cacete, virá aplacar-lhe a sede de sexo, tão gigantesca quanto sua própria solidão

PRIVATE

PRIVATE

entrando e saindo esbranquiçada da xoxota da sua esposa.

Em dado momento, Carlos passou a falar para a mulher: "Vai, putinha, dá pra ele, vai, eu sei que você está adorando sentir outro macho na sua boceta, sua putinha vagabunda!" Ah, pra quê? Aí é que a gata ficou mesmo alucinada de vez. Gritava e se sacudia como eu nunca havia visto na vida, apesar de toda a minha experiência. Jogava-se com tamanha força contra meu pau, que tive de segurá-la firme pelos quadris, para que minha rola não escapulisse. Também não demorou nada para que ela caísse desfalecida de prazer, ao mesmo tempo que eu soltava fortes jatos de porra em suas entranhas, gozando maravilhosamente.

Carlos correu e trouxe um copo d'água, jogando-o no rosto de Mariana, que acordou com aquele característico sorriso de prazer, meio atordoada, zonza. Depois, o marido explicou-me que há muitos anos não via isso acontecer com sua mulher, uma coisa muito comum na época em que ainda eram namorados. Confesso que fiquei um pouco preocupado, pois poderia haver a possibilidade de ele sentir algum ciúme devido a esse fato.

Narrei minha preocupação ao casal e, na mais absoluta tranqüilidade, Carlos me disse que a intenção principal de estarmos ali era justamente dar o máximo de prazer possível à sua mulher, já que, como um homem inteligente, sabia que depois de um certo tempo de casados era absolutamente impossível ele próprio dar à esposa o mesmo prazer dos tempos de namorados. Ele sabia que diante do fato inusitado e de um homem agradável, isso poderia novamente acontecer, como realmente o foi.

Enquanto falava, durante todo o tempo Carlos acariciava a boceta de Mariana completamente esporrada. Meu leite escorria fartamente para fora da vagina carnuda e deixava-a completamente ensopada. Nesse momento, o marido sentenciou-me: "Lembra daquela conversa que tivemos sobre uma preferência dela? Então vai!" A preferência era, simplesmente, tomar no cu. Eu, que já não gosto pouco, não pensei duas vezes. Passei a lamber aquele lindo e cheiroso buraquinho, dando fortes estocadas com a língua no botãozinho rosado que piscava ao toque. Ao mesmo tempo que aproveitava para lubrificar o cuzinho com saliva, com os dedos eu ajudava a espalhar a porra que escorria até o seu rabinho.

Coloquei Mariana na posição de receber minha arma, ou seja, de quatro; lubrifiquei bem o pau em sua xana encharcada, passei mais um pouquinho de saliva e comecei uma delicada introdução. Enchia-lhe de beijos e carinhos, até que a cabeçorra passou. Ela gemia, ou melhor, miava, e fui, sempre delicadamente, enterrando cada vez mais profundamente o caralho, até senti-lo todo dentro. Observando os movimentos de Mariana, percebi que já estava na hora de ir acelerando os meus. Ela já se jogava de encontro a minha vara, cada vez mais rapidamente. Logo, logo, já estava como que uma desvairada, aos gritos e se enterrando cada vez com mais força na minha pica.

Nossa, aquele cuzinho era deliciosamente apertado e esmigalhava minha rola! Era por demais delicioso! Mariana já estava gozando; percebi que Carlos se acabava em uma gostosa punheta, e já dava para sentir que eu não iria mais conseguir me segurar. Então, gozamos maravilhosamente juntos. Cheguei a pensar que quem iria desfalecer dessa vez era eu. Qual nada, novamente Carlos teve de vir correndo com um copo d'água para jogar no rosto da mulher, que, como antes, "apagou".

Depois disso, Carlos foi afagar a esposa, extremamente carinhoso, dizendo-lhe: "Coitadinha da minha mulherzinha! Tá doendo a bundinha, tá?! Ele machucou você?! Mas foi bom, não foi?!" Mariana fazia uma perfeita interpretação, respondendo afirmativamente com movimentos de cabeça a todas as perguntas e ainda fazendo um biquinho de criancinha dengosa. Só que, de barriga para cima, com os joelhos dobrados e as pernas bem abertas, eu, da poltrona, via perfeitamente seu ânus dilatado e dele escorrendo uma abundante quantidade de porra que ali eu havia esguinchado. Era uma cena extremamente excitante, ver minha própria porra escorrendo pelas polpinhas daquela bundinha linda. Prontamente, fiquei novamente de pau duro.

Muitas putarias ainda fizemos, inclusive eu e o Carlos fazendo uma dupla penetração em Mariana, mas isso fica para uma próxima vez. O mais importante é que somos ótimos amigos (mesmo!) e, vez por outra, ainda damos as nossas saídas. Só que agora resolvi variar um pouco e quero conhecer outros casais de bom nível, sempre com esposas bonitas. Quem se habilita? Basta escrever colocando o meu nome, pois a caixa postal é dividida. Mesmo que não tenham caixa postal, podem escrever (inclusive mulheres sozinhas), pois dou (e exijo) sigilo absoluto.

Paulão, Caixa Postal 37.220, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22622-970.

Continuação da pág. 17

ENSINO COM AMOR

O fato que passo a relatar aconteceu há três anos, quando trabalhava na manutenção e assistência técnica de uma grande empresa. Além disso, eu dava aulas de manuseio em máquinas de costura e demonstração de como fazer os bordados que o manual indicava. Certo dia, chegando a uma casa para dar uma dessas aulas, tive a mais bela surpresa da minha vida. Fui recebido por uma mulher muito bonita, de aproximadamente 1,85m, um corpo escultural, vestindo um roupão com alguns botões desabotoados, que deixavam à mostra um par de coxas muito apetitoso. Fiquei logo muito excitado.

A dona da casa me recebeu muito alegre, levando-me até a máquina e falando-me sobre suas dúvidas. Comecei ensinando-a a fazer o zig-zag e todos os tipos de bordados que a máquina permitia. Ficou fascinada e, cada vez mais perto de mim, pedia que a deixasse tentar. Mas não conseguiu. Então peguei sua mão e comecei a fazer os bordados que ela queria aprender.

Com o movimento de minhas mãos, acabei roçando os dedos em seus seios. Senti seu suspiro, quase um gemido. Já estava ficando louco de tesão e, para não perder a oportunidade, repeti o gesto. Ela me olhou nos olhos e acariciou meu rosto. Não resisti, dei-lhe alguns beijos e fui direto aos seios, que mamei gulosamente deixando-a, também, louca de tesão. Não suportando mais, a mulher me levou para a cama, tirou minha roupa, enquanto eu tirava o seu roupão e, ao mesmo tempo, continuava mamando seus lindos seios.

Já completamente nus, deitei-a de costas e dei-lhe o maior trato. Beijei ela toda, lambi seu pescoço, seus seios, sua barriga, seu umbigo, e fui descendo até chegar no doce da vida, onde me demorei, fazendo com que tivesse vários orgasmos. Depois de me fazer o mesmo, ela sentou-se em cima do meu membro e cavalgou-me maravilhosamente, gozando uma vez atrás da outra. Para finalizar, virei-a de bruços e usei um líquido especial para lubrificar seu ânus. Em seguida, passei a introduzir meu caralho bem devagar no seu traseiro, fazendo-a gemer de prazer.

Mantivemos nosso relacionamento ainda por um bom tempo, até que ela mudou sua residência para Porto Alegre e fiquei só. Agora, espero receber cartas de mulheres carinhosas, higiênicas e descomplicadas. Adoro fazer uma mulher gozar.

Silva, Caixa Postal 3.024, São José dos Campos, SP, CEP 12222-970.

TELE
TRANSA
PARA TODO O BRASIL
EXCLUSIVO PARA USUÁRIOS DE CARTÃO DE CRÉDITO
NÃO APARECE INDICATIVO DO SERVIÇO NA CONTA
NEM NA FATURA DE SEU CARTÃO
ACEITAMOS TODOS OS CARTÕES
PROIBIDO PARA MENORES DE 18 ANOS
SÓ R$ 3,50 POR MINUTO
DAS 14H À 1H
AO VIVO
0800-12-6969

SEXO COM GOSTINHO DE TACACÁ

Sou militar e, numa de minhas viagens a serviço, depois de 17 dias só vendo mar e com o tesão a mil, cheguei a Belém, no Pará, onde passaríamos o final de semana. Como estava com problemas na garganta, fui a uma consulta, no hospital da corporação. Ao passar pelas ruas, fardado, ganhei muitos olhares femininos.

Ao final da consulta, fui ao banco, para tirar uma grana, e, tal como aqui no Rio, encontrei-o superlotado. Mas, por sorte, a minha frente estava uma morena lindíssima, com seus 1,60m de altura, 55kg de peso e cabelos pela cintura. Fiquei logo de pau duro. Comecei a puxar assunto, fiquei sabendo que se chamava Val, e, depois de 40 minutos de papo, já nos tornáramos íntimos, ao ponto de ela me convidar para jantar em sua casa, a três, já que sua irmã mais nova, Emília, também lá estaria. Sem o que fazer, mas principalmente por causa do tesão, topei. Só fez uma exigência: que eu fosse fardado. Meio a contragosto mas já antevendo a foda que teria, resolvi "pagar pra ver".

Cheguei por volta das 18 horas, fardado como Val pedira, e dei de cara com as duas só de camisão. Os mais belos pares de coxas que já vira e com um acabamento todo especial: pelinhos dourados de enlouquecer qualquer ser humano em seu perfeito estado emocional, quanto mais a mim! Meio desconcertado por estar diante das duas gatas, sentei-me no sofá, aguardando o prato da noite. Foi quando Val me abraçou e me deu um beijo de tirar o fôlego. Mas o que ela tirou mesmo foi o meu uniforme, a começar pelos sapatos, meias, camisa e calça. Por último, arremessou meu quepe e disse que tudo isso era uma fantasia que queria realizar.

Já estava despido, beijando Val, quando senti pelas costas o abraço de Emília. Tirei sua camisa e beijei-a. Tirei também a camisa de Val, a calcinha, joguei as peças no tapete e caí de boca em seus peitinhos, que pareciam duas rochas de tão duros. Fui descendo pelo ventre, dei atenção especial à sua barriguinha, fazendo-a contorcer-se de tanto prazer, e reiniciei a jornada até sua bocetinha, chupando-a e fazendo-a delirar.

Enquanto isso, Emília, que era virgem, se masturbava com o travesseiro. Peguei-a e coloquei-a para abocanhar meu pau. Ao mesmo tempo que mamava, colocava o dedo no ânus da Val. Era demais ver aquela boquinha de 13 aninhos me mamando e me levando à loucura! Não resisti e gozei, inundando sua boquinha com meu líquido quente. Emília, demonstrando bem mais experiência do que aparentava, sugou-me até a última gota; em seguida beijou sua irmã na boca, dividindo com ela o meu néctar.

Diante de tanto erotismo, meu cacete não baixou depois do gozo. Então, Val iniciou outra gostosa mamada, mostrando-me quem tinha ensinado a irmã. Depois, coloquei-a de quatro e meti meus 19cm todos em sua boceta, fodendo-a com todo o tesão. Puxava seus seios e dava palmadas em sua bundinha. Seus gemidos faziam-me cada vez mais insaciável, enfiando-lhe o dedo no cu e fazendo-a gemer loucamente. Gozamos juntos, e ficamos assim colados por uns dez minutos, curtindo aquele clima de tesão.

Após o banho a três, jantamos um delicioso pato no tucupi regado a um tacacá picante (bebida típica da terra). Após meia hora de papo, começamos novamente a sacanagem. Emília tomou a iniciativa dessa vez, chupando meu pau sob os olhares de consentimento da irmã mais velha. Fazia isso com maestria. Seu lábios carnudos deslisavam pelo nervo, indo até as bolas e, por fim, chegando ao cu, o que me deixava mais tesudo ainda. Beijei Val, que não queria ficar de fora, e mamei, logo em seguida, seus peitinhos.

Irmãs, acima de tudo, Val queria que Emília ficasse somente no superficial, e pediu para que eu comesse o seu rabinho. O que fiz? Quase morro de tesão! Val ajudou, dando uma mamada no meu mastro e colocando-o no ânus da maninha. Entrei bem devagar, fazendo-a soltar um gemido de dor e prazer. Emília recebeu todo o meu pau dentro de si. Quando comecei o vaivém, ela gritava palavras desconexas que me levavam ao delírio, até que descarreguei o meu "tacacá" todinho no seu reto. Então caímos os três para o lado, na cama, e dormimos o resto da noite.

Depois que voltei para o Rio, passamos a nos corresponder e, numa das cartas, recebi o delicioso convite para tirar o cabacinho da minha cunhadinha. Tão logo saí de férias, mandei-me para Belém de avião, pois tinha pressa, já que a ansiedade era imensa. Mas essa eu conto em uma outra oportunidade.

Agora, procuro mulheres solitárias, peso proporcional à altura, e também casais que queiram curtir momentos de muito prazer com segurança e sigilo. Sou moreno-claro, bonito, 1,72m, 75kg e com muito amor para dar. Tenho um primo, também militar, que poderá ou não participar.

Zorro, Caixa Postal 21.208, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20110-970.